

## RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta tese será disponibilizado somente a partir de 30/12/2015.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL**

**NADIA RODRIGUES ALVES MARCONDES LUZ LIMA**

**FOGO SELVAGEM, ALMA DOMADA:  
a doença e o Hospital do Pênfigo de Uberaba – história e psicografia**

**FRANCA – SP  
2010**

**NADIA RODRIGUES ALVES MARCONDES LUZ LIMA**

**FOGO SELVAGEM, ALMA DOMADA:  
a doença e o Hospital do Pênfigo de Uberaba – história e psicografia**

**Tese apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Franca, como pré-requisito para obtenção do Título de Doutor em História. Área de Concentração: Cultura Social.**

Orientadora: Profa. Dra. Ida Lewkowicz

**FRANCA – SP  
2010**

Lima, Nadia Rodrigues Alves Marcondes Luz

Fogo selvagem, alma domada: a doença e o Hospital do Pênfigo de Uberaba – história e psicografia / Nadia Rodrigues Alves Marcondes Luz Lima. –Franca: [s.n.], 2010

Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de História, Direito e Serviço Social.

Orientador: Ida Lewkowicz

1. Pênfigo foliáceo endêmico – Tratamento. 2. Hospital Pênfigo – Uberaba (MG). 3. Espiritismo – História. I. Título.

CDD – 133.981

**NADIA RODRIGUES ALVES MARCONDES LUZ LIMA**

**FOGO SELVAGEM, ALMA DOMADA:  
a doença e o Hospital do Pênfigo de Uberaba – história e psicografia**

**Tese apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Franca, como pré-requisito para obtenção do Título de Doutor em História. Área de Concentração: Cultura Social.**

Orientadora: Profa. Dra. Ida Lewkowicz

Banca Examinadora

Presidente: \_\_\_\_\_  
                  Profa. Dra. Ida Lewkowicz

1. Examinador: \_\_\_\_\_

2. Examinador: \_\_\_\_\_

3. Examinador: \_\_\_\_\_

4. Examinador: \_\_\_\_\_

5. Examinador: \_\_\_\_\_

Franca, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2010.

### *Agradeço*

*à Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pela bolsa de pesquisa para esta tese de doutorado;*

*à Professora Doutora Ida Lewkowicz (UNESP/Fundação Carlos Chagas), pela disponibilidade em nos orientar e por sua incondicional confiança em todas as etapas da pesquisa, considerando todos os aspectos inovadores que surgiam;*

*ao Professor Dr. Moacir Gigante, pelo incentivo que nos deu desde a graduação para que prosseguíssemos com nossas pesquisas, atentas para que ao longo da trajetória, em nosso texto narrativo, não deixássemos de lado o nosso senso humanitário. A ele, hoje posso dizer novamente que esta tese, assim como ocorreu com a dissertação de mestrado, a exemplo de meticulosa alquimia, tornar-se-á remédio, alimento, vestimenta para os pacientes de mais um hospital filantrópico.*

*a Ivone Aparecida Vieira da Silva, Diretora do Lar da Caridade –Hospital do Pênfigo de Uberaba, que nos acolheu de imediato, apresentando-nos à sua avó, Aparecida Conceição Ferreira, a fundadora, intermediando os primeiros contatos, facilitando as gravações, abrindo os arquivos da instituição, apresentando-nos aos funcionários, pacientes e outros familiares, possibilitando-nos a observação participativa no ambiente hospitalar;*

*à tão cara amiga Darcy, esposa do médium Manoel de Aquino Resende, o Lelo, de Ibiúna, que nos trouxe no mês de junho de 2010 carinhosa e incentivadora mensagem psicográfica de Dona Aparecida, acalentando nossos propósitos, aprovando e confirmando nosso raciocínio histórico;*

*a Hermínio Miranda, o “velho escriba”, como se autodenomina e que se tornou grande amigo virtual, promessa de longa amizade espiritual, agradeço por todas as orientações que me enviou, pela disponibilidade em me orientar esclarecendo sobre seu conceito de simetrias históricas, incentivando-me a prosseguir firme aos rumos que a pesquisa me levava;*

*a Vany e Ana Amélia Chagas Jacintho, Maria Rita Pogetti Junqueira e Munira Rochèlle Nambu, pelas sugestões, traduções e revisões do texto;*

*ao Fernando, Ricardo e Natália, minha gratidão pelo modo natural como compartilham comigo desta determinante ventura em sair do conforto da saúde rumo à dor supostamente alheia;*

*Agradeço a todos aqueles que de algum modo facilitou nossa trajetória de estudo, pesquisa e narrativa. Obrigada.*

*Dedico*

*à memória de Aparecida Conceição Ferreira, a seus filhos, netos e bisnetos, às crianças do Lar da Caridade e a toda a Família Hospital do Pênfigo de Uberaba.*

*a Saulo Gomes, o repórter investigativo, que junto a Chico Xavier e Dona Aparecida, antes e depois do Pinga-Fogo, formou o trio imprescindível para que tantas almas pudessem ter suas dores amenizadas quando o fogo selvagem chegou para domar suas almas.*

*à memória das irmãs de caridade, mulheres destemidas que imbuídas pela fé, no século XIX, subservientes aos superiores masculinos da ordem dominicana, marcaram a história de Uberaba ensinando, fazendo curativos, limpando feridas, fezes e escarros, velando pelos doentes em ocasiões de epidemias tais como a da febre amarela, da varíola e, posteriormente a da terrível gripe espanhola. Anos mais tarde, seguindo este exemplo, encontramos o mesmo senso humanitário e caritativo em Aparecida Conceição Ferreira.*

*à memória de meu tio e padrinho Silvio Marcondes Luz, médico dermatologista do Posto de Saúde de Franca, que por quase quatro décadas atendendo a população mais pobre, dedicou-se ao tratamento dos pênfigos, hanseníase, elefantíase e de tantas outras dores.*

LIMA, Nadia Rodrigues Alves Marcondes Luz. **Fogo selvagem, alma domada: a doença e o Hospital do Pênfigo de Uberaba – história e psicografia.** 2010. 332 f. Tese (Doutorado em História e Cultura Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Franca.

## RESUMO

Este estudo tem como tema central a história da doença pênfigo foliáceo endêmico e do Hospital do Pênfigo de Uberaba (MG), fundado no ano de 1957 e ainda em atividade. O hospital recebe pacientes portadores desta doença, popularmente conhecida como fogo selvagem, provenientes de diversas regiões do Brasil. Considerada como uma das únicas doenças autoimunes com características endêmicas, classifica-se cientificamente como sendo uma dermatose bolhosa, comumente presente em regiões geográficas de climas tropicais, cuja etiologia, a despeito do empenho em pesquisas científicas, ainda permanece desconhecida. No Brasil, seu tratamento vem sendo realizado desde o final da década de 1960, com medicamentos à base de corticosteróides, potente anti-inflamatório descoberto no final da década de 1950. O Hospital do Pênfigo, em Uberaba, é a única instituição remanescente que se dedica de modo específico, com exclusividade, ao tratamento do pênfigo foliáceo endêmico. Instituição considerada pelo Estado como de utilidade pública, o hospital é administrado e parcialmente mantido por integrantes do segmento cultural espírita e oferece, além da terapêutica tradicional, também outras, integrativas, tais como o passe magnético, a desobsessão e a fluidificação da água. Ao registrar a história deste hospital, esta pesquisa traz também subsídios para a compreensão da evolução da doença e de seu tratamento, no Brasil. Destacamos a história da fundadora Aparecida Conceição Ferreira, da peculiar maneira por ela desenvolvida de tratar a doença e da sua amizade com o médium Francisco Cândido Xavier, desde os começos da construção e edificação do hospital, cujas raízes se fundam nos preceitos morais e na filosofia da história que sustentam a teoria doutrinária espírita do francês Allan Kardec. A escrita da história, neste trabalho, destaca a contribuição teórica de Michel de Certeau e o conceito de *simetrias históricas* de Hermínio Miranda, como método de análise, resgatando a psicografia como elemento imprescindível para a narração argumentativa e a construção da história da cultura espírita no Brasil.

**Palavras-chave:** *pênfigo foliáceo endêmico; fogo selvagem; simetrias históricas; espiritismo; psicografia.*

LIMA, Nadia Rodrigues Alves Marcondes Luz. **Fogo selvagem, alma domada: a doença e o Hospital do Pênfigo de Uberaba – história e psicografia.** 2010. 332 f. Tese (Doutorado em História e Cultura Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Franca.

## ABSTRACT

The theme of this study is the history of Endemic Pemphigus Foliaceus disease, as well as of the Pemphigus Hospital of Uberaba – (MG), founded in 1957 and still active. The hospital receives patients with endemic pemphigus foliaceus disease, popularly known as “fogo selvagem”, from several regions of Brazil. Regarded as one of the few autoimmune diseases with endemic features, it is scientifically classified as a bullous dermatosis, usually found in geographical regions of tropical climates, which etiology, despite all efforts in scientific researches, still remains unknown. In Brazil, its treatment has been performed since the late 1960s, with medicines based on corticosteroids, potent anti-inflammatory discovered in the late 1950s. The Pemphigus Hospital, in Uberaba, is the only remaining institution which is engaged in a specific way, exclusively to the treatment of the endemic pemphigus foliaceus disease. The institution is considered by the state as of public utility and the hospital is run and partially maintained by members of the Spiritist cultural movement. Besides the traditional therapy, the treatment offers integrative ones, such as the magnetic healing, the disobsession and the magnetization of the water. Registering the history of this Hospital this research brings subsidies concerning the evolution comprehension of the disease and its treatment in Brazil. We highlighted the history of its founder – Aparecida Conceição Ferreira and her peculiar manner of treating the disease, moreover her friendship with the medium Francisco Cândido Xavier, since the beginnings of construction and Hospital edification, whose roots are founded on moral principles of the Spiritist Doctrine philosophy of the French Allan Kardec. The history writing on this dissertation emphasizes the theoretical contribution of Michel de Certeau and the concept of historical symmetries of Hermínio Miranda as a method of analysis rescuing the psychographics as an indispensable element to the argumentative account in addition to the building of the Spiritist cultural history in Brazil.

**Keywords:** endemic pemphigus foliaceus disease; “fogo selvagem”; historical symmetries; spiritism; psychography.

## INTRODUÇÃO

A narrativa que trazemos nesta tese passa por caminhos que enfatizam escolhas populares que acabam por marcar na história, aspectos da cultura brasileira. O objeto de pesquisa escolhido, a doença pênfigo foliáceo endêmico e o Hospital do Pênfigo de Uberaba, ao longo de nossa pesquisa concentra-se também na história de Aparecida Conceição Ferreira, a fundadora do hospital e em sua relação amigável com o médium Francisco Cândido Xavier, capaz de resultar na essência da própria razão da existência e permanência da instituição hospitalar.

Pouco antes de findar o ano de 2009, quase às vésperas do Natal, no dia 22 de dezembro, a cidade mineira de Uberaba recebeu comovida a notícia do falecimento de Aparecida Conceição Ferreira. Aos 95 anos de idade, a fundadora do Lar da Caridade e do Hospital do Pênfigo Foliáceo de Uberaba. A ex-enfermeira da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba formava, junto ao médium Francisco Cândido Xavier, uma parceria que a partir da década de 1960 levaria Uberaba a ser cognominada “Capital do Espiritismo”<sup>1</sup>. Por ocasião de seu falecimento, a imprensa noticiou que naquela data, o Lar da Caridade - Hospital do Pênfigo de Uberaba atendia 3.600 pessoas mensalmente, entre o atendimento às crianças moradoras na creche, aos pacientes moradores no hospital e a assistência aos doentes em domicílio, fazendo curativos e ainda atendendo toda a região que transcende o Triângulo Mineiro. Sendo uma instituição filantrópica espírita de utilidade pública, parceira do Sistema Único de Saúde (SUS), além dos subsídios repassados por parte do governo, a instituição para se manter ainda precisa de doações. Semanalmente, como por diversas vezes pudemos observar, chegam caravanas com ônibus de visitantes oriundos das mais diversas localidades

---

<sup>1</sup> Para análise do imaginário cultural espírita em Uberaba, ver: SILVA, Marta Raquel da. *Chico Xavier: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais*. Uberaba, 1959/2001. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.

brasileiras, trazendo roupas, mantimentos, produtos de higiene. Muitos dos organizadores dessas caravanas são ex-pacientes ou parentes próximos, imbuídos de gratidão à instituição onde receberam o socorro.

No dia seguinte a seu falecimento, o *Jornal de Uberaba* noticiou em primeira página, ilustrada com imagem fotográfica de Dona Aparecida e em letras garrafais, o título: *Uberaba e o país perdem Dona Aparecida*, prosseguindo com a notícia:

Uberaba perde fundadora do Hospital do Pênfigo [...] Vó Cida, como era carinhosamente chamada pelos pacientes da instituição filantrópica e entes queridos [...] O velório teve início às 14 horas na terça-feira, e o corpo levado para o Lar da Caridade – Hospital do Pênfigo [...] A previsão é que a cerimônia fúnebre dure até 24 horas, para que nossos amigos que moram fora consigam chegar a tempo de se despedir [...] Os membros da Guarda Municipal de Uberaba ficaram encarregados de fazer a segurança do velório [...] O comandante da GM, Júlio César de Aguiar, ressalta que além de cuidar da segurança interna da cerimônia fúnebre os policiais coordenaram o trânsito de veículos e pedestres [...] A Prefeitura Municipal também prestou suas homenagens à fundadora da instituição filantrópica do Fogo Selvagem, decretando luto oficial por três dias, a partir de quinta-feira.<sup>2</sup>

A ênfase dada pela notícia em primeira página evidenciava o profundo respeito, de modo unânime sentido pela população de Uberaba, reconhecendo a extraordinária trajetória de vida de uma mulher determinada, que ousou enfrentar, a partir da segunda metade do século XX, todo o preconceito de uma época, fosse de gênero, etnia, profissional, religioso, vertendo seu caminho rumo a servir como instrumento de efetiva modificação dos destinos das milhares de pessoas que estiveram sob os cuidados de sua mediunidade de cura<sup>3</sup>. Espécie de mediunidade esta que,

---

<sup>2</sup> *Jornal de Uberaba*. Uberaba, MG, em 23 de dezembro de 2009, p. 1 e 4.

<sup>3</sup> De acordo com Kardec, “Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos espíritos é, por esse fato, médium”, sendo essa faculdade orgânica e inerente ao homem, não se constituiria privilégio, podendo-se dizer que todos nós seríamos médiuns, “todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva”, disto resultando que esta

consiste, segundo definição da codificação kardequiana, “no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação”, dom que, se potencializado por meio da prece, constituir-se-á em “verdadeira evocação” a atrair magneticamente “a intervenção de uma potência oculta”<sup>4</sup>.

Em *O Livro dos Espíritos*, encontramos a afirmação de que certas pessoas têm o dom de curar pelo simples toque, uma vez que “[...] A força magnética pode ir até aí quando secundada pela pureza de sentimentos e um ardente desejo de fazer o bem, porque então os bons Espíritos ajudam”<sup>5</sup>. A mediunidade, sendo faculdade orgânica, como afirmam os espíritos, teria na glândula pineal o centro capaz de intermediar a relação entre o chamado mundo dos homens e o mundo dos espíritos. Considera-se a “epífise, a glândula espiritual do homem [...] Segregando delicadas energias psíquicas [...] a glândula pineal conserva ascendência em todo o sistema endócrino. Ligada à mente, através de princípios eletromagnéticos do campo vital, que a ciência comum ainda não pode identificar, comanda as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade”<sup>6</sup>.

A estas considerações, se aliarmos a dedicação de Dona Aparecida para a cura ou melhora dos doentes e o fato de ser crente na ajuda dos espíritos e cultivar o hábito da oração, podemos concluir que sua mediunidade de cura provavelmente tenha se potencializado por meio de sua força de vontade em auxiliar. Foi seu modo peculiar que permitiu a relação harmoniosa entre a ciência e a religião, aliadas à boa convivência com o Estado brasileiro. Eis que para o exercício das atividades, a instituição por ela administrada, foi declarada de Utilidade Pública Federal através do Decreto nº 71.038, de 20/08/1972, publicada no Diário Oficial da União em 30/08/1972; declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei 5.998, de 02/10/1972, publicada no Diário Oficial do Estado de Minas; e declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei 3.152, de 17/06/1981.

---

faculdade vindo a se manifestar de modo variado, “quantas são as espécies de manifestação” (KARDEC, 1996, p. 203).

<sup>4</sup> KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. 62. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996. p. 217.

<sup>5</sup> KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos: filosofia espiritualista*. 65. ed. São Paulo: Lake, 2006. Questão 556.

<sup>6</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 18 edição, 1986, p. 21. *Coleção André Luiz*.

Não sendo mulher letrada, havendo concluído apenas o quarto ano do ensino primário, Dona Aparecida não pode ser considerada uma representante da cultura espírita que se formou a partir do livro, mas sim da oralidade aliada à prática que se tornou a razão de sua existência<sup>7</sup>. Bisneta e neta de escravas, desde muito cedo aprendera a benzer, a conhecer as ervas do quintal para fazer remédios, bem como a “pegar criança”, para usar sua expressão, quando quis nos dizer que desde muito cedo também aprendera os ofícios de parteira. Em sua simplicidade própria de ser, no saber olhar e ouvir, na convivência quase diária, muito embora continuasse por algum tempo sendo católica, dispunha-se a aprender com o médium Francisco Cândido Xavier práticas pertinentes ao espiritismo kardecista, com a finalidade de aplicá-las aos doentes.

Dentro dessa lógica, própria da racionalidade cultural espírita, nos dispusemos a adentrar este universo representativo, com a finalidade de escrever a história que vimos e ouvimos e da qual pudemos participar durante o período de observação *in loco* no hospital de Uberaba nos anos de 2007, 2008 e 2009. Um dos nossos objetivos neste trabalho, se concentra na busca por trazer subsídios que venham fundamentar a tese de que há no Brasil instituições de saúde que funcionam como sendo de utilidade pública e que trazem em sua essência singulares práticas de cura e representações das doenças, as quais foram observadas por meio dos documentos institucionais e da opinião pública. Foi, portanto, neste espaço incomum, mas privilegiado, que nossa pesquisa pôde ser desenvolvida, levando-nos de certa forma a ser encorajadas a buscar argumentos que possam vir a contribuir de algum modo a questão deixada por Giumbelli: “Sob que condições sociais no Brasil a ciência divide espaço com a religião?”<sup>8</sup>

Como nos propusemos desde o título, esta tese pretende apresentar subsídios histórico-culturais que possibilitem compreender para interpretar a doença e o Hospital do Pênfigo de Uberaba, passando por dois caminhos, ou seja, por duas trajetórias diferentes para se conhecer uma doença dermatológica e uma instituição de

---

<sup>7</sup> Ver LEWGOY, Bernardo. *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista*. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

<sup>8</sup> Retomamos aqui a indagação deixada no final do artigo de GIUMBELLI, Emerson. *Espiritismo e Medicina: introjeção, subversão, complementaridade*. In: ISAIA, Artur Cesar (Org.). *Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea*. Uberlândia: Edufu, 2006.

saúde espírita que oferece há mais de meia década, além da terapêutica usual, também a integrativa ou mesmo alternativa. Os caminhos metodológicos escolhidos passam pela história e também pela psicografia<sup>9</sup>, aqui considerada como mais uma forma da escrita da história.

No transcurso da pesquisa, imprescindível foi buscar a leitura de obras psicográficas para completar a busca do sentido para o que víamos na prática rotineira da instituição de saúde escolhida para esta pesquisa. Sob esta questão, podemos afirmar que a obra psicográfica, aliada às obras da codificação de Allan Kardec, é que vão dar sentido à visão de mundo e ao *ethos*<sup>10</sup> da cultura espírita. A partir desta afirmação, tivemos que focar nossa atenção também no médium Francisco Cândido Xavier, não somente em razão deste haver sido o responsável pelo trânsito religioso por que passou Aparecida Conceição Ferreira, responsável por fundar o hospital em 1957, porém, e acima de tudo também, para compreender, qual haveria de ser sua importância em meio à cultura espírita, uma vez que no recorte temporal que nos propusemos pesquisar, a partir da segunda metade do século XX, é ele “o grande mediador” entre o mundo dos encarnados e desencarnados, marcando de vez o espiritismo na cultura brasileira, principalmente por meio de sua produção psicográfica<sup>11</sup>. Como veremos adiante, o recurso à obra psicográfica como fonte de pesquisa, possibilitou-nos também uma análise mais profunda sobre o aspecto filosófico e religioso do espiritismo, muito além do simples fato de que seu conteúdo seja o mais importante instrumento formador de

---

<sup>9</sup> Denomina-se “psicografia, a escrita obtida por meio de um espírito que se comunica atuando sobre o médium que, debaixo dessa influência, move maquinalmente o braço e a mão para escrever, sem ter (é pelo menos o caso mais comum) a menor consciência do que escreve [...]” KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Capítulo XIII, *Da Psicografia*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 62. edição, 1996, p. 200.

<sup>10</sup> GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. Segundo o autor, para os espíritas, a caridade seria o princípio moral fundamental. SAMPAIO, Jader dos Reis. Este autor em estudo recente, aborda amplamente questões a respeito do *ethos* espírita, com base na observação de campo realizada por cientistas sociais e antropólogos. Cf. SAMPAIO, Jader dos Reis. *Voluntários: um estudo sobre a motivação de pessoas e a cultura em uma organização do terceiro setor*. Franca: Editora Unifran, 2010, p.157-161. *Coleção Espiritismo na Universidade*, volume I.

<sup>11</sup> LEWGOY, Bernardo. *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru: Edusc, 2004.

sentido e constituidor do imaginário<sup>12</sup> deste segmento cultural.

No desenvolver de nossa pesquisa, mais e mais questões foram surgindo de modo à concluirmos pela evidente necessidade em adentrarmos questões cada vez um pouco mais complexas. Não se tratava de pesquisar uma doença tropical ou simplesmente uma instituição de saúde brasileira, levantando por meio de documentos, subsídios para sua história. Foi preciso ir além, rumo à busca de respostas para questões que implicam com o modo como os espíritas interpretam a história, fundamentada na crença da reencarnação e da imortalidade da alma, sustentadas fortemente no Brasil, por informações contidas não apenas no conjunto de obras da chamada codificação de Allan Kardec, como também no amplo número de títulos de obras psicográficas disponíveis nas mais diversas livrarias espalhadas por todo território brasileiro, como também na prática rotineira das comunicações mediúnicas. Caminhamos por uma vertente explicativa que se baseia na interação intermitente entre indivíduos e espíritos, entre encarnados e desencarnados de acordo com a palingenesia.

Tudo isto considerado, prosseguimos observando nosso objeto de pesquisa com novos olhares, desvendando o que para os espíritas parece ser o óbvio, ou seja, o fato de que a existência da instituição Hospital do Pênfigo de Uberaba se funda na questão central que haveria de perpassar nosso estudo: a exemplo de outras cidades brasileiras onde há um hospital criado por espíritas e que atende portadores de uma determinada doença,<sup>13</sup> em sua origem sempre há a intenção por parte dos fundadores e associados, muito mais do que socorrer corpos doentes, transcender este objetivo,

---

<sup>12</sup> Para o conceito de imaginário aqui usado, ver BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Porto: Einaudi-Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. Para este autor, a construção e consolidação de um imaginário resultam da soma de sentimentos, crenças e atitudes compartilhadas e representadas por um ou por vários grupos sociais, neste caso específico nos referimos ao segmento cultural espírita.

<sup>12</sup> Giumbelli conclui que, para os espíritas, a caridade seria o princípio moral fundamental, “aquilo que mais define seu *ethos* religioso (GIUMBELLI, 1997). Em estudo recente, Sampaio desenvolve com minúcias e diversas citações de autores que já teriam abordado a questão do *ethos* e visão de mundo do movimento espírita. (Cf. SAMPAIO, Jáder dos Reis. *Voluntários*, um estudo sobre a motivação de pessoas e a cultura em uma organização do terceiro setor. Franca: Editora Unifran, 2010. Coleção Espiritismo na Universidade, v. I).

<sup>13</sup> Como ocorre, por exemplo, na área do transtorno ou doença mental em que existem na atualidade, mais de uma centena de instituições psiquiátricas em funcionamento. Ver: LUZ, Nadia. *Ruptura na história da psiquiatria no Brasil: espiritismo e saúde mental*. Franca: Unesp/Universidade de Franca, 2007; ISAIÁ, Artur César. *Espiritismo: religião, ciência e modernidade*. In: MANOEL, Ivan.A.; ANDRADE, Solange Ramos (orgs.) *Identidades Religiosas*. Franca:UNESP-FHDSS:Civitas Editora, 2008, p.137/164.

prestando socorro e acolhida terapêutica para almas que supostamente tramitam temporária e transitoriamente entre uma encarnação e outra, cumprindo a chamada lei de ação e reação, fundamental para que se compreenda a teoria doutrinária espírita.

Este raciocínio, que para alguns pode parecer confuso, torna-se claro na medida em que desenvolvemos e concluimos a exposição de nossa narrativa, expondo subsídios que possam vir a sustentar a idéia de que existe uma lógica racional e natural fundamentada a partir do extenso corpo teórico da doutrina espírita aliada a uma prática funcional que vem sendo exercida no Brasil há mais de um século. Para nos auxiliar com esta questão, de modo “a gerar interpretações coerentes e convincentes”<sup>14</sup>, recorremos a Humberto Mariotti, ao expor que,

[...] a filosofia espírita ultrapassa a visão social das demais doutrinas, porque, além de apresentar uma sociologia deste mundo, mostra ao homem uma sociologia palingenésica do espírito, vinculada com os mundos invisíveis: liga as vidas sucessivas do ser, fazendo-as dependentes umas das outras [...] a sociologia espírita reconhece um constante enlace entre o visível e o invisível, interpretando o processo social como um fato histórico sujeito a influências metapsíquicas, que se desenvolve na interação dos espíritos encarnados e desencarnados<sup>15</sup>.

Aliando o pensamento de Humberto Mariotti, para quem os fatos históricos seriam formas objetivadas do chamado mundo invisível, ou seja, dos espíritos, uma vez que o homem seria um ser espiritual encarnado no histórico, é que propositalmente transcrevemos a seguir o relato narrado por Marcel Souto Maior sobre aspectos da convivência de Dona Aparecida com Chico Xavier em Uberaba. Na ocasião, cansada de tantas responsabilidades e, contrariada com os inúmeros obstáculos pelos quais diariamente tinha que passar, teria então ouvido do médium, como a justificar a necessidade de sua permanência na direção do hospital:

---

<sup>14</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 17. Nessa mesma obra, Geertz observa que “a noção de que a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana não ‘é uma novidade’” (p. 67).

<sup>15</sup> MARIOTTI, Humberto. *O homem e a sociedade numa nova civilização*. São Paulo: Edicel, 1963, p. 139. Sociologia e antropologia sob a visão reencarnacionista kardequiana, segundo a qual reencarnariam grupos de espíritos afins, entre uma cultura e outra (Cf. MARIOTTI, 2000; também PIRES, 1995).

Numa tarde, para estimular a ex-enfermeira, ele cometeu uma rara indiscrição: revelou a Aparecida a última encarnação dela. Aparecida tinha sido responsável pela morte de muitos “hereges” nas fogueiras da inquisição. Na atual temporada, ela resgatava sua dívida. Os doentes também. As vítimas do fogo-selvagem, tratadas por ela, tinham obedecido às suas ordens e incendiado os corpos<sup>16</sup>.

Conforme Allan Kardec, o “mergulho do espírito na carne” ou a necessidade da encarnação teria como objetivo a busca pelo progresso moral do espírito. Considerando o relato acima, que vem ao encontro dos depoimentos que gravamos com Dona Aparecida, pode-se concluir que há lógica e racionalidade, como também coerência entre a teoria doutrinária espírita e suas práticas, confirmando que, no caso de Dona Aparecida, aquilo que o médium mineiro lhe confidenciara sobre o seu próprio passado, foi o que deu sentido a sua vida. Mesmo antes de conhecê-lo, ela, sem saber bem por que, desde o ano de 1957, já resolvera dedicar sua vida para cuidar dos doentes do fogo selvagem. A adesão de Dona Aparecida ao espiritismo, passando por um trânsito religioso, que reafirma-se com a fundação do Centro Espírita “Deus e Caridade” junto às instalações do hospital, onde, em companhia de Chico Xavier e uma equipe de voluntários espíritas, passará a exercer a prática espírita terapêutica denominada desobsessão, definida como comunicação de espíritos desencarnados, por meio dos médiuns psicofônicos, no desenrolar curioso de uma espécie de psicanálise interexistencial, sustentada pela fala amorosa e apaziguadora por parte dos encarnados num diálogo esclarecedor. O início desta prática terapêutica no hospital teria proporcionado um atendimento socorrista capaz de resultar em mais um recurso para o alcance da cura aos doentes. Nestas ocasiões inúmeras teriam sido as comunicações de espíritos que se apresentavam como partícipes dos mais diversos episódios da inquisição. Tal terapêutica, por tudo que venha a significar, também nos leva, como pesquisadores, a indagações que se desdobram a respeito das possibilidades da memória, uma vez que, deste modo, é concebida extensa e sobremaneira dilatada, conforme analisaremos no último capítulo.

O hospital de Uberaba então, considerado como local de passagem e tratamento de pessoas e espíritos, passou, neste trabalho, a ser interpretado de acordo com o espiritismo, em meio ao ir e vir reencarnacionista, como as Casas do Caminho,

---

<sup>16</sup> MAIOR, Marcel Souto. *As vidas de Chico Xavier*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.144.

do cristianismo dos primeiros anos, local de acolhida e passagem no tempo presente de almas e espíritos que de algum modo tenham se comprometido no passado, envolvendo-se com o ato de atear fogo aos corpos, justificando a sintomatologia da doença fogo selvagem<sup>17</sup>.

A doença, objeto deste estudo, denominada pênfigo foliáceo endêmico, é uma dermatose bolhosa de caráter autoimune, cuja etiologia ainda permanece desconhecida. Alguns atribuíram a causa à picada do mosquito *Simulium nigrimanum* (nomenclatura moderna para o *Simulium pruinosum*) como agente transmissor. Hipótese já descartada pela ciência, a busca pela etiologia permanece em aberto. Popularmente conhecida como fogo selvagem, é considerada pelo médico Iphis Campbell, um dos maiores especialistas brasileiros, como sendo “a única doença autoimune e ao mesmo tempo, endêmica”<sup>18</sup>. A autoimunidade, tradicionalmente, tem sido definida como “a ação do sistema imune voltada contra os componentes do próprio indivíduo”<sup>19</sup>.

A partir desta classificação, a autoimunidade, sustentada pela definição de que as doenças autoimunes podem ser consideradas autoagressivas, analisaremos mediante o conteúdo de algumas obras atribuídas ao espírito André Luiz e psicografadas pelo médium Francisco Cândido Xavier, a possibilidade ali exposta de que, mesmo reencarnando diversas vezes, a consciência de cada espírito continua sendo única, nela retendo, após aquilo que chamamos de *arrependimento*, como a primeira etapa a ser cumprida na vigência da lei de ação e reação, uma certa “zona de remorso” que persistirá latente até que se *expie* a falta cometida diante do outro. A doença autoimune ou autoagressiva seria desencadeada originariamente nesta “zona de remorso” persistente na consciência, resultando não na punição por parte de Deus ou de outra entidade qualquer, mas, ao contrário, pelo próprio espírito causador do ato inicial, não descartando aqui, de modo a tornar esta análise inconcebível, a possibilidade de surgir em meio a esse contexto um agente transmissor externo a atacar o que se considera constituir um organismo predisposto.

---

<sup>17</sup> O primeiro sintoma provocado por essa doença e que persistirá no transcurso do tratamento é a sensação de que se está em meio a labaredas invisíveis que queimam o corpo de dentro para fora, para, em seguida, surgirem as bolhas que estouram pelo corpo e deixam a aparência de queimaduras e, nos casos mais graves, em carne viva diversas regiões do corpo.

<sup>18</sup> CAMPBELL, Iphis. et al. Pênfigo foliáceo endêmico – fogo selvagem. *Revista Anais Brasileiros de Dermatologia*, v. 76, 2001, p. 13.

<sup>19</sup> FERREIRA, A. Walter.; ÁVILA, Sandra. L. M. *Diagnóstico laboratorial das principais doenças infecciosas e auto-imunes*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996, p. 279.

No Brasil, acredita-se que 10% da população seja portadora de alguma doença autoimune, desencadeada a partir da ação de múltiplos fatores. De acordo com Ferreira e Ávila, para que surja uma determinada doença autoimune, não há gene, nem agente do meio ambiente que por si só seja causador da doença, “claramente, o que existe é uma concatenação de elementos genéticos obrigatórios que interagem com o meio ambiente e frequentemente com hormônios e anormalidades inerentes ao órgão alvo para ativar e manter o processo autoimune”<sup>20</sup>. A complexidade que envolve o estudo e a pesquisa sobre a autoimunidade resultaria do esforço por se buscar compreender a “rede de elementos envolvidos no processo e das chances de iniciar a doença”<sup>21</sup>.

Em que pese o fato de a doença pênfigo foliáceo endêmico permanecer ainda sem uma causa identificada — sem uma etiologia científica que a justifique, assim como sua classificação como doença autoimune, ou seja, autoagressiva, segue-se uma certa lógica na interpretação espírita capaz de se ajustar à interpretação da lei de causa e efeito essencial ao conhecimento e compreensão da doutrina espírita.

O Hospital do Pênfigo de Uberaba, constituído formalmente em princípio como Associação Hospital do Pênfigo Foliáceo de Uberaba, por médicos e outros profissionais de saúde, passou a ser local de visitas rotineiras do médium Chico Xavier a partir do ano de 1959, quando o médium mudou-se da cidade de Pedro Leopoldo para Uberaba, vindo a conhecer Aparecida Conceição Ferreira. A partir de então, observou-se fundamental mudança nos meios de tratamento dos doentes, fato que acabou por resultar na adesão de Dona Aparecida ao espiritismo, adotando junto aos doentes as práticas terapêuticas específicas do espiritismo<sup>22</sup>.

A obra mediúcnica *Ação e Reação*<sup>23</sup>, psicografada no ano de 1957 por Chico Xavier e atribuída ao espírito André Luiz, quando o médium ainda residia na cidade mineira de Pedro Leopoldo, traz em sua narrativa a explicação de que a história transcorre em um “sanatório de moléstias da pele”, onde, “analisando em conjunto os

---

<sup>20</sup> CAMPBELL, Iphis et al. Pênfigo foliáceo endêmico – fogo selvagem. *Revista Anais Brasileiros de Dermatologia*, v. 76, 2001, p. 18.

<sup>21</sup> CAMPBELL, 2001, p. 20.

<sup>22</sup> Considera-se como práticas terapêuticas espíritas, o passe, a água fluída, o estudo do Evangelho e a desobsessão.

<sup>23</sup> Em 2009, esta obra, editada pela Federação Espírita Brasileira, estava na 28ª edição, segunda reimpressão, com tiragem do 344º ao 353º milheiro.

doentes mais graves,” se poderia “imaginar o que fosse aquele agregado de almas silenciosas e dificilmente reconhecíveis”, explicando o narrador que as doenças sob a concepção espírita, desdobradas em suas dores, podem ser classificadas como “*dor-evolução*, que atua de fora para dentro, aprimorando o ser [...] *dor-expição*, que vem de dentro para fora, marcando a criatura no caminho dos séculos, detendo-a em complicados labirintos de aflição, para regenerá-la, perante a Justiça” e também a “*dor-auxílio*” que se constituiria em “prolongadas e dolorosas enfermidades no envoltório físico, seja para evitar-nos a queda no abismo da criminalidade, seja mais frequentemente para o serviço preparatório da desencarnação, a fim de que não sejamos colhidos por surpresas arrasadoras, na transição da morte”, a exemplo dos enfartes, trombozes, hemiplegia, câncer, senilidade prematura e “outras calamidades da vida orgânica constituem, por vezes, dores-auxílio, para que a alma se recupere de certos enganos em que haja incorrido na existência do corpo denso, habilitando-se, através de longas reflexões e benéficas disciplinas, para o ingresso respeitável na Vida Espiritual”<sup>24</sup>. O pênfigo, nosso objeto de estudo, nesta classificação do espírito André Luiz, se enquadraria na dor-expição, bem como “outras dermatoses aflitivas, quais o eczema e a tumoração cutânea”, doenças que o espírito solicitaria para si próprio como um recomeço nas lides carnis, em regime de sanções, suplicadas às autoridades superiores do mundo espiritual, em favor de nosso próprio benefício, constituindo as dores-expição em “providências retificantes, depois de muitas quedas reiteradas nos mesmos deslizes e deserções, que imploramos em favor de nós e em nós mesmos”<sup>25</sup>.

Em se considerando como a medicina acadêmica, existem duas maneiras de adoecer, a exógena e a endógena, a primeira teria sua causa externa, isto é, viria de fora para dentro, ou, de acordo com a definição e as palavras do espírito André Luiz, seria a “dor-evolução”, uma vez que “atua de fora para dentro”. O segundo modo de adoecer, o endógeno, nos interessa mais de perto, pois suas causas remontariam ao espírito, o movimento causal da doença, já não sendo observado como centrípeto, mas como centrífugo. Seguindo a explicação do espírito André Luiz, o pênfigo foliáceo endêmico, ou fogo selvagem, poderia ser considerado como “dor-expição”, pois que a causa da doença seria deslocada para o espírito (indivíduo) e não mais considerada

---

<sup>24</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e reação*. Pelo Espírito André Luiz. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 263.

<sup>25</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e reação*. Pelo Espírito André Luiz. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 257-258.

como uma entidade que lhe seria estranha. Seria também psicossomática, pois que a gênese ou a causa da doença atribui-se ao espírito (indivíduo). A palavra indivíduo aqui colocada entre parênteses remonta às definições da medicina tradicional que, não ultrapassando os limites do corpo físico, somente as interpretam até o sujeito. Ao contrário, a medicina que aqui chamamos espírita concebe a criatura, no seu tríplice aspecto, como sendo constituída pelo corpo físico ou material, o espírito e ainda o perispírito que seria o corpo fluídico semimaterial, também denominado modelo organizador biológico (MOB).

Considerada pelos espíritas como sendo uma lei determinista, a lei de ação e reação induz a três etapas para que se efetive seu cumprimento, quais sejam, a princípio, a necessidade do *remorso* ou *arrependimento* por parte do espírito que tenha cometido qualquer ato que resultou em dor moral ou física a outrem; em segundo lugar, depois de arrependido, o espírito passaria voluntária ou involuntariamente — já que é uma lei determinista — pela *expição* de sua ação imprópria, ou seja, passaria pelas mesmas dores físicas ou morais que sua ação houvera ocasionado a outrem, para, num terceiro momento, dar início à *reparação* de todo mal que causou, seja ele particular ou coletivo. *Arrependimento*, *expição* e *reparação* seriam, portanto, etapas a serem cumpridas pelos espíritos em suas trajetórias evolutivas. Diante desta lei determinista de ação e reação, que pode ser comparada à lei natural de causa e efeito, o livre-arbítrio corresponde à livre escolha por onde o espírito optará seguir. Tal raciocínio justifica para os espíritas os ensinamentos cristãos de não fazer aos outros aquilo que não se gostaria que fosse feito a si, ou ainda o preceito do amar ao próximo como a si mesmo. Em se considerando os doentes como espíritos encarnados — portanto almas — em fase de *expição*, Dona Aparecida, em final da etapa reencarnatória, estaria *reparando* supostas ações praticadas no pretérito em que possivelmente coletividades tenham sido envolvidas. De modo sintético, esta seria uma explicação do contexto a partir da lei determinista de ação e reação.

A leitura de uma série de obras de autoria de Hermínio Miranda, considerado na atualidade o maior estudioso do espiritismo, tornou-se necessária, justamente para que viéssemos a compreender o que se passa com a memória, quando esta resulta em relatos e depoimentos de espíritos desencarnados. Indagávamos sobre as implicações advindas diante da possibilidade da imortalidade da alma frente à

viabilidade em ouvirem-se relatos por parte dos próprios partícipes da história, tal como ocorre com Hermínio Miranda em algumas de suas obras, como por exemplo, *Histórias que os espíritos contaram*<sup>26</sup>, uma série de transcrições das gravações de depoimentos de entidades com as quais o autor teria dialogado junto ao grupo espírita do qual participou, no transcurso de mais de trinta anos em reuniões de desobsessão. Esse registro de depoimentos, que se constitui em diálogos entre encarnados e desencarnados, permite também que se conheça um pouco mais do venha a ser a prática terapêutica da desobsessão, comum nas instituições espíritas e naturalmente incluídas naquelas prestadoras de serviços de saúde, a exemplo de todos os hospitais fundados e administrados por espíritas no Brasil. Hermínio Miranda desenvolve também, em algumas de suas obras, o conceito ao mesmo tempo em que aplica como método facilitador de se compreender e interpretar a história sob a visão reencarnacionista kardequiana, a ideia de *simetrias históricas*, conceito essencialmente didático que serviu como espécie de espinha dorsal deste trabalho, quando levamos em consideração o fato de haver sido Uberaba exatamente o local onde a ordem dominicana, oriunda da região francesa de Toulouse, no Languedoc, instalou-se pela primeira vez em território brasileiro. O conceito de *simetrias históricas* neste trabalho passa a ser acolhido como mais um método de análise, capaz de nos auxiliar na busca por compreender como os espíritas interpretam a história. Sob este aspecto, há que se enfatizar a possibilidade de que aquilo que aceitamos como sendo simples coincidências históricas poder resultar entre os espíritas em múltiplas significações que acabam por se constituir em fortes indícios deixados pela história, formando um novo sentido histórico. É justamente este novo sentido ou interpretação da história, despercebidos por nossos olhares destreinados, mas que tece a trama de todo o contexto desta pesquisa, resultando no foco temático que perpassa nas entrelinhas desta tese.

No ir e vir das reencarnações ou palingenesia, as *simetrias históricas* estariam justamente nas possibilidades de se analisar, como analisam os espíritas, que um mesmo grupo de espíritos que esteve reunido no passado, seja entre os cátaros ou em meio a inquisidores, ou ainda nas guerras em geral, possa ter se encontrado em

---

<sup>26</sup> MIRANDA, Hermínio C. *Histórias que os espíritos contaram*. Brasília, DF: Leal, 2006. v. I, II.

Uberaba, quando a doença e o hospital funcionariam à semelhança de um espelho refletindo as imagens e contextos históricos às avessas<sup>27</sup>.

O “olhar de dentro” da cultura espírita, visando apreender o objeto que pretendemos estudar do ponto de vista do sentido, requer esforço para a percepção imaginária do cosmos, da visão de mundo e do *ethos* deste segmento cultural. Esta preocupação talvez tenha sido a maior dificuldade que nos propusemos a vencer, porque resume-se essencialmente na lógica da teoria doutrinária kardequiana, na racionalidade dos textos psicográficos e na coerência de suas práticas. Impossível observar sem interagir, manter o chamado distanciamento do objeto de pesquisa, quando este se trata de seres humanos internados em um hospital em situação de sofrimento. Nossa condição de humanidade é maior que qualquer imposição metódico-científica. Nos remetemos ao desabafo de Roberto Cardoso de Oliveira: “[...] acreditar ser possível a neutralidade idealizada pelos defensores da objetividade absoluta é apenas viver em uma doce ilusão”<sup>28</sup>, ou ainda, com François Laplantine, ao lembrar que devemos priorizar o estudo das relações humanas nos grupos sociais que compõem os seguimentos culturais, comunicando-nos com eles, compartilhando de suas existências, enfim: “[...] Não se pode, de fato, estudar os homens à maneira de botânico examinando a samambaia ou o zoólogo observando o crustáceo [...] não consiste apenas em coletar, através de um método estritamente indutivo, uma grande quantidade de informações, mas em impregnar-se dos temas obsessivos de uma sociedade, de seus ideais, de suas angústias [...] Se, por exemplo, a sociedade tem preocupações religiosas, ele próprio deve rezar com seus hóspedes”<sup>29</sup>.

Este trabalho divide-se em cinco capítulos. No primeiro, buscamos traçar rumos para a elaboração de uma filosofia da história do espiritismo, com a finalidade de compartilhar da visão de mundo e do sentido histórico dos espíritas, de modo a compreender como interpretam a história e acolhem com naturalidade a sociabilidade entre encarnados e desencarnados. Citando Giambattista Vico, Lèon Denis, Humberto Mariotti e Michel de Certeau, além do espírito Emmanuel em obra psicografada pelo

---

<sup>27</sup> Para Hermínio Miranda, as simetrias podem ter caráter coletivo ou individual. Seriam coletivas quando ocorrem com povos, países, grupos de espíritos em geral. Individuais quando ocorrem na área pessoal de cada um de nós. Para fins didáticos podem ser analisadas à semelhança das manifestações que levam o rótulo de carma, podendo algumas vezes as simetrias parecerem ter características da coletiva e, simultaneamente, a individual.

<sup>28</sup> OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Unesp, 2000, p. 24.

<sup>29</sup> LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 149/150.

médium Francisco Cândido Xavier, tecemos nossa narrativa de modo a interpretar o significado da frase: *Nascer, viver, renascer ainda e progredir continuamente, esta é a lei*<sup>30</sup>, que consideramos resumir o sentido dinâmico da filosofia da história do espiritismo. Ainda neste primeiro capítulo, analisamos a obra psicográfica como sendo uma tática diante de uma possível estratégia elaborada por um “Plano Maior”.

No segundo capítulo, a questão do limite geográfico, a cidade de Uberaba, localizada na região do Triângulo Mineiro e que na atualidade é conhecida mundialmente como aquela em que morou o médium brasileiro Francisco Cândido Xavier, para em segundo plano ser reconhecida como a capital do gado zebu. Retomamos na história as ocasiões em que, diante dos inúmeros casos de hanseníase compartilhados em praças e passeios públicos, a população da cidade se viu aterrorizada, com receio do contágio. Após diversas campanhas e caça aos portadores da hanseníase, para que Uberaba se visse higienizada, encaminhou em seguida os leprosos em vagões de trem, rumo à Colônia de Santa Izabel, próxima à capital mineira de Belo Horizonte. Depois da caçada empreendida por toda a população em auxílio à “polícia médica”, capturando e isolando os doentes nas celas da cadeia, eram deixados incomunicáveis até à partida. Neste contexto, seguido de perto pela leitura da coleção de jornais do Arquivo Público de Uberaba, concluímos pela justificativa da rejeição da população em acolher os portadores do pênfigo na cidade, considerando naquela ocasião a incerteza em saber se se tratava de doença contagiosa ou não. Levantamos a hipótese de que logo em seguida à partida dos leprosos, quando a cidade se viu “limpa” dos doentes, o estigma e o terror coletivo perduraram quando da chegada dos portadores do pênfigo a Uberaba. Em meio a tudo, inserimos aspectos históricos sobre a chegada do primeiro núcleo da ordem dominicana ao Brasil, vindo a se instalar de imediato em Uberaba, justamente no prédio onde a população vinha em esforço conjunto construindo a Santa Casa de Misericórdia que acabou tendo parte de suas instalações devorada pelo fogo das velas acesas pelos religiosos. Foi na Santa Casa de Misericórdia de Uberaba, atual Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, onde Dona Aparecida, sendo enfermeira, presenciou no ano de 1957 a alta coletiva aos portadores do pênfigo, por questões de contenção de despesas da instituição, levando-os para junto de si em sua própria casa, como veremos adiante.

---

<sup>30</sup> Esta é a frase gravada no túmulo de Allan Kardec no cemitério Père Lachaise, em Paris.

No terceiro capítulo, a história da doença pênfigo foliáceo no Brasil e os esforços da ciência por conhecer sua etiologia, diagnóstico, tratamentos e meios de cura. Pesquisando vasta bibliografia, de autores médicos que se empenharam em divulgar a estranha doença que surgia de modo alarmante nas primeiras décadas do século XX, encontramos raros exemplares de obras, buscados inclusive, em bibliotecas particulares de médicos. Como fonte de pesquisa de publicações científicas, buscamos na revista *Anais Brasileiros de Dermatologia*, publicada pela Sociedade Brasileira de Dermatologia, as informações necessárias para que acompanhássemos a história da doença pênfigo foliáceo endêmico no Brasil.

No quarto capítulo, dedicado à história do hospital, a partir da leitura e de análises dos documentos da instituição de Uberaba, prosseguimos nossa narrativa entre as informações e os textos contidos nesses documentos e os contextos à época de sua elaboração, deles extraindo dados para compor quadros demonstrativos com informações estatísticas sobre o registro de pacientes internados no Hospital do Pênfigo de Uberaba no período de 1957 até 2009.

Encerrando com o quinto capítulo, no qual inserimos algumas poesias, mediúnicas outras não, porém todas dedicadas aos doentes, à fundadora e também exaltando a doença, sempre análoga à lepra, de modo nunca visto, caracterizando por um lado um novo modo terapêutico compartilhado entre doentes encarnados e exportadores da doença, já desencarnados e, por outro lado, caracterizando uma interpretação própria da aceitação da doença resignadamente, como parte de um processo evolutivo do espírito. As poesias mediúnicas, uma vez que ressaltam a memória da doença por parte daqueles a quem se atribui já estejam mortos, encerra curiosa oportunidade de estudo sobre a chamada memória integral. Razão pela qual trouxemos a este capítulo um esboço de estudo, baseado na obra de Hermínio Miranda *A memória e o tempo*, em que analisa o conceito de memória a partir da teoria doutrinária espírita em analogia à obra *Matéria e memória*, de Henri Bergson. Sob este aspecto, chamamos a atenção ainda para uma análise fundamental e pertinente, que implica indagarmos sobre a questão da memória, frente ao espírito-autor que rememora aspectos de suas encarnações com a finalidade de ditá-los ou escrevê-los por meio dos médiuns.

Na expressão de Bernardo Lewgoy: “[...] o espiritismo é um mundo ainda a ser desbravado, pleno de dúvidas, silêncios e questões de pesquisa,<sup>31</sup>” finalizamos esta introdução, observando como houve mudanças e permissibilidade para novas temáticas de pesquisa, a exemplo de Michel de Certeau, que bem observou em sua obra *A escrita da história*, ao tratar da fala ou do discurso interditos, enfatizando em citação sobre a narrativa do texto que foi sua tese acadêmica, posteriormente publicada com o título de *La Possession de Loudun*, tendo como objeto de estudo um grupo de freiras da congregação das ursulinas que viveram no período de 1632 a 1638 episódios em que a igreja atribuiu como havendo ficado “possessas”. Impedidas que foram de permitir que “aquele outro que fala em mim”, na expressão das freiras, pudesse dialogar com médicos e padres exorcistas, enquanto tudo deveria anotar o notário chamado a testemunhar, mas que tiveram a fala interdita em substituição ao discurso já antecipadamente preparado tanto do representante da ciência, que era o médico, como da igreja, representado pelo padre exorcista. As vozes ficaram caladas para a história, sem que o pesquisador Michel de Certeau pudesse ter a oportunidade de ouvi-las por meio de transcrições, três séculos mais tarde, quando elaborava sua tese. Inconformado, Certeau registra em *A escrita da história* os “verdadeiros tesouros que foram perdidos”, os quais, na ocasião, poderiam ter sido desenterrados, mas que se perderam na “escrita alterada e mentirosa” dos notários incumbidos de deixar o fato histórico registrado.

Fosse alguns anos mais tarde e as “possessas” seriam chamadas por Allan Kardec de médiuns, instrumentos para que do além, espíritos desencarnados, porém imortais, que aguardavam nova oportunidade para se reencarnar, pudessem vir a se comunicar. A obra psicográfica no Brasil, se voltarmos ao sentido que Michel de Certeau quis atribuir, pode ser considerada verdadeiro tesouro, diante do leque de possibilidades de abordagens temáticas para novas pesquisas. Como especificidade da história da cultura no Brasil, pensamos estar dando nossa contribuição. Ora, como chama atenção Michel de Certeau, se almas do além ou espíritos puderam se comunicar, naquela ocasião, em Loudun, os primeiros que se esforçaram por comprovar foram os membros da Igreja Católica, não só introduzindo a prática do exorcismo e sugerindo nomes aos demônios, como também atestando que nos estados místicos eram aqueles, entre os seus, os quais afirmavam ver ou ouvir vozes. De santos ou de demônios, não

---

<sup>31</sup> LEWGOY, Bernardo. *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru: Edusp, 2004, p. 14.

nos importa, eram vozes de alguém. Há que se atribuir crédito a esta milenar instituição. Na clareza de Allan Kardec, na introdução de *O livro dos espíritos*, encontramos: “No mundo dos Espíritos há, também, uma boa sociedade e uma sociedade má, que essas pessoas estudem bem o que se passa entre os Espíritos, e elas ficarão convencidas de que a cidade celeste encerra outra coisa além do refugio do povo”. Que o digam Santo Agostinho ou Dante Alighieri.

Como na natureza, sendo impossível haver algo que fora dela exista, nada havendo de sobrenatural, lembra Certeau que diante das freiras possessas, perguntava o médico: “O que é isto?”, já pensando em identificar no corpo físico as prováveis respostas, e catalogá-las como doenças, tal como a histeria, que servia para definir quase tudo. Enquanto perguntava o padre exorcista: “Quem está aí?”, para, depois de dialogar, por sua própria conta e conveniência da instituição que representava atribuir “a quem estava lá” um dos nomes que criaram para designar o demônio. Certeau anotou os nomes que encontrou durante suas pesquisas: Asmodeu, Isacarão, Leviatã, Amã, Bala, Behemot. Ora, se “aquele outro” que falava por intermédio das freiras ursulinas de Loudun — dentre estas Joana dos Anjos — tiveram tempo de dizer seus nomes, o que mais provavelmente não teriam ouvido os padres exorcistas? Já não mais importa. A fala interdita do passado, neste trabalho, foi preciso ser escutada a partir de algumas obras psicográficas que vêm interagindo em nossa cultura no Brasil. Entre práticas e representações, desenvolvem-se *táticas* em busca de se alcançar os planos contidos nas *estratégias*. Importa que em se construindo textos que escrevam estas histórias, a fala outrora interdita, possa ser inscrita e inserida como tema pertinente também à história cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensamos haver trazido subsídios que contribuam para justificar o que afirmamos como hipótese central: o modo como o segmento cultural espírita compreende a história, implica a origem e justifica as razões pelo incessante desempenho por se fundar e administrar instituições de saúde, algumas já centenárias, no Brasil. Os hospitais espíritas trazem em sua história o ideal de seus fundadores que objetivavam erguer casas do caminho, a servir para o socorro de espíritos em suas trajetórias reencarnatórias. Sendo a doença o efeito de uma causa pretérita, natural que seja a história responsável por sua investigação.

Desde o título, também, havíamos proposto a conhecer a história da doença e do hospital, também a partir da psicografia. Sob este aspecto, consideramos haver explanado, argumentado e exposto fartamente não somente o que dizem os espíritos desencarnados sobre o significado da doença e do hospital, visto como uma instituição socorrista de homens e espíritos, ou seja, de pessoas encarnadas como também de espíritos desencarnados, os quais na compreensão da teoria doutrinária kardequiana, também recebem socorro por meio da terapêutica denominada desobsessão. Terapêutica esta, exposta por Allan Kardec, porém amplamente desenvolvida como tese científica pelo médico brasileiro Adolpho Bezerra de Menezes no final do século XIX.

Como dissemos na introdução desta tese, em nenhum momento, desde que optamos por trazer a este trabalho dois modelos interpretativos da doença e da cura, sendo um pertinente à ciência médica, a medicina acadêmica e outro à medicina denominada espírita, não tivemos a intenção de priorizar um em detrimento de outro, porque o que caracteriza o Hospital do Pênfigo de Uberaba é justamente o convívio de modo harmonioso há mais de meio século, desenvolvendo aspectos diferentes da observação e prática de ambas.

Entre médicos espíritas, médicos que não acolhem as práticas ou visão de mundo pertinentes à cultura espírita e médiuns, extraem-se diariamente da lida e no convívio junto à dor e extremo sofrimento alheio, relações de reciprocidade. Conforme observamos, naquele espaço de tamanhas dores, causadas por uma doença que ainda desafia a ciência, encobrendo sua etiologia, não há tempo, propósitos ou argumentos que justifiquem confrontos entre médicos acadêmicos e voluntários ou funcionários, que, doando de si, transmitem as terapias por meio dos passes magnéticos, fazem a leitura de passagens do Evangelho e ainda se dispõem a reunir-se com disciplina em dias da semana e horários marcados, para as chamadas reuniões e grupos de desobsessão, onde a busca pela cura reside na fala de certo modo psicanalítica que apregoa o perdão.

Em meio à convivência, interagindo com os doentes e com Dona Aparecida, naquele mundo diferente que se constituiu o hospital, consideramos sempre, a partir do tempo presente, o que terá sido a convivência dela junto a centenas de doentes ajuntados, para não dizer incorretamente acomodados, nos cômodos do necrotério do Asilo São Vicente de Paulo por mais de dez anos. Rotina inimaginável por mais que aqui neste trabalho tenhamos nos esforçado para recompô-la por meio da história. Inúmeras outras histórias que ouvimos por parte de pessoas que testemunharam aquele período, não foram aqui incluídas em razão da extensão em que resultaria este estudo.

Dentre as histórias que ouvimos por pessoas que testemunharam a ocorrência, registramos como de teor interessantíssimo o fato de que semanalmente, enquanto Chico Xavier e Dona Aparecida oravam rogando em favor da saúde dos doentes, frente às tinas repletas com água e, posteriormente com a construção do hospital, diante das banheiras com água que serviriam para banhar alguns corpos de pacientes, era comum que todos os presentes pudessem observar a mudança na coloração das águas. A esse fenômeno, que se tornou comum e integrante do processo de cura, os espíritas que conviveram com Dona Aparecida atribuem como sendo a introdução de medicamentos acrescentados à água, como resposta às rogativas em preces. A respeito desta possibilidade, buscamos em obras de cunho espírita, porém não mediúnicas, informações que pudessem contribuir para maiores esclarecimentos, pois que tal processo haveria de ocorrer também nos copinhas com água a serem ingeridos pelos doentes após os passes magnéticos. A diferença haveria de ser quanto ao uso, um

ingerido, para uso interno, outro para o banho, para uso externo. Sendo a água condutora de energia, vimos certa lógica na ocorrência e realmente encontramos diversas fontes de informação que nos esclareceram um pouco mais a ponto de aqui deixarmos registrado como mais um recurso terapêutico usado no Hospital do Pênfigo de Uberaba <sup>343</sup>.

Consideramos também como havendo sido imprescindível à elaboração deste trabalho a leitura da obra *Antropologia da doença*, de autoria de François Laplantine <sup>344</sup>, na qual aprendemos que para elaborar pesquisas e estudos em qualquer que seja a área de conhecimento, como em nosso caso específico, a história, a respeito de antropologia médica, haveríamos de optar pelo método comparativo com relação aos estudos das relações recíprocas entre os modelos etiológicos e terapêuticos. Pensamos haver preenchido também este requisito. Nossa contribuição maior talvez seja com referência ao esforço que fizemos por reunir subsídios que possibilitassem a transmissão da idéia de que, para a cultura espírita, a etiologia da doença fogo selvagem atribui-se a partir do espírito, enquanto estudos científicos até então vinham atribuindo como agente transmissor e causador da doença, o mosquito *Simulium nigri-manum*, aliado ao fato das endemias ocorrerem em áreas de desmatamento.

Deste raciocínio, compreendendo a doença como tendo sua causa originária no espírito e posteriormente interpretando a autoimunidade como sendo autoagressiva, não podemos deixar aqui de observar que do psiquismo enfermo capaz de exteriorizar-se no corpo físico, resultando em doenças psicossomáticas, nada impede que estas sejam desencadeadas e agravadas concomitantemente com um fator ou agente externo. A causa da enfermidade, permanecendo no espírito que julga a si mesmo, a partir de seu passado delituoso, não residirá, como pode vir a concluir a medicina acadêmica, na existência ou proliferação de germes, bactérias ou bacilos, pois que estes haveriam de aparecer e constituir-se em agentes externos, a partir da baixa imunidade ou resistência permitida pelo próprio sujeito a partir de seu psiquismo. O desequilíbrio psíquico detectado a partir das tais “zonas de remorso” de que fala o espírito André Luiz, surgidas quando o espírito toma consciência de que sua ação produziu uma reação

---

<sup>343</sup> Para mais informações sugerimos a leitura da obra, mais especificamente do capítulo XV, de MICHAELUS. *Magnetismo animal*. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1977, p. 136-146.

<sup>344</sup> LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

de dor e sofrimento ao próximo, provavelmente possa desencadear em nível inconsciente a baixa de resistência orgânica, permitindo que a doença, como reação, se instale. O corpo físico e orgânico funcionaria como espécie de mata-borrão, embebendo-se de toxinas de um psiquismo doente. A ciência médica, em seu modelo que aqui chamamos acadêmico, em observando a causa aparente, concentraria esforços na doença, ao passo que a medicina espírita concentraria no doente, como um ser imortal e passível de haver vivido outras encarnações nas quais suas ações resultariam em reações, incluindo estas, as doenças atuais.

Deste modo reafirmado o que nesta tese vimos desenvolvendo frente às hipóteses diversas sugeridas pelo espiritismo em suas formas de conhecer, seja filosófica, científica ou religiosa, pensamos haver cumprido com nossa tarefa ao nos esforçarmos no primeiro capítulo por elaborar um texto que permita compreendermos e interpretarmos a filosofia da história a partir da visão de mundo ou sentido dado à existência pela cultura espírita. Já no terceiro capítulo, nos dedicamos à ciência médica frente à doença objeto deste estudo, para, no capítulo seguinte, compará-la com a medicina em sua versão espírita, lembrando que o Hospital do Pênfigo de Uberaba é uma das instituições sob a tutela científica da Associação Médico-Espírita do Brasil, a AME. Encerrando no quinto e último capítulo, dando voz aos encarnados e desencarnados por meio da memória, seja ela gravada, portanto oral ou escrita por meio de poesias, textos de estudos e literários, todos mediúnicos.

As obras psicográficas, cujos trechos foram transcritos nesta tese, serviram como instrumento, ou seja, como mais uma fonte de pesquisa para a composição de nossa narrativa historiográfica, considerando o espiritismo em sua especificidade na história da cultura no Brasil. Mereceram atenção privilegiada de nossa parte, especialmente quando sugerimos uma análise capaz de interpretá-las como sendo uma *tática* em uso para uma *estratégia* maior, aqui compreendida como meio de se atingir o objetivo espírita em promover o retorno ao cristianismo dos primeiros tempos. Desta nossa análise, consideramos haver encontrado argumentos e respostas a algumas das hipóteses levantadas ao longo desta tese. As obras psicográficas têm promovido em significativa parcela da população brasileira certa complementação à formação do sentido histórico, ao reafirmar nas entrelinhas a filosofia da história própria da cultura reencarnacionista, como aqui viemos desenvolvendo. Nesta nova possibilidade de

compreender a história, assim como os fatos históricos, a palingenesia ou as reencarnações sucessivas atreladas à lei de ação e reação possibilitaria arriscar-se a olhar o passado, observar o presente e de certa forma, lançar hipóteses históricas ao futuro. Deste modo, e seguindo esta linha de raciocínio, conforme extraímos das observações participativas e da interação com professores e pesquisadores espíritas, a história poderia ser concebida como uma ciência de observação. Observado que Allan Kardec definia o espiritismo em seu tríplice aspecto, como filosofia e ciência, podendo desdobrar-se em religião. Para Kardec, o espiritismo seria uma ciência de observação, o que induz estar implícito, dentre outros, a observação participativa como método de pesquisa. Deixemos, porém, que o desenvolver deste segmento cultural, que de certa forma podemos considerar jovem, prossiga com sua especificidade em gerar narrativas históricas, elaboradas por espíritos que a si próprios se declaram como almas partícipes dos fatos históricos do passado, retomando a escrita pela mão dos médiuns e registrando suas versões. A isto me refiro, retomando também o que na introdução apresentamos quando nos referimos à “fala interdita” na expressão de Michel de Certeau ao referir-se às freiras possessas de Loudon.

Consideramos ainda que a oportunidade que nos foi dada para elaborarmos uma tese acadêmica em que pudemos fazer uso dos métodos analítico e comparativo, transcrevendo textos que possibilitaram compreender o que porventura haveriam de pensar os espíritos “desencarnados” a respeito de doenças e instituições de saúde e compará-los com o que pensam os médicos “encarnados” ao longo da história, já muito significa com relação à abertura por novos modos de abordagens temáticas, cercando todas as possibilidades da pesquisa científica investigativa nas universidades. A história vista sob a óptica reencarnacionista acaba por gerar novas visões de mundo, fundamentadas a partir de um novo sentido existencial. Hermínio de Miranda, desbravou caminhos facilitadores, ao desenvolver o conceito de *simetrias históricas*, método amplamente usado na prática da narrativa ou da análise histórica de obras psicográficas ou de cunho reencarnacionista. Autor de mais de meia centena de obras, o método *simetrias históricas*, se assim nos for permitido considerar, muito nos lembrou Plutarco em sua obra *Vidas Paralelas*, ao traçar pontos simétricos entre um personagem histórico e outro, objetivando uma análise comparativa.

Consideramos, finalmente, a incrível possibilidade que tivemos de poder conviver com uma pessoa humanitária como foi Aparecida Conceição Ferreira em seus últimos meses de vida junto aos “seus” doentes e familiares da extensa Família Hospital do Pênfigo de Uberaba. Alma que foi deste trabalho, principal elo para que nos esforçássemos, aventurando-nos pelos caminhos inovadores desta pesquisa, sua história de vida desde o início foi a chama que nos arrebatou. Olhávamos para ela no início e víamos um caminho para nossa narrativa. Convivíamos, interagíamos, sentávamos a seu lado quando ela negava-se a conversar. Ouvíamos seu silêncio, observávamos seus olhos já cegos, o corpo arqueado formando pequena corcunda, alquebrado pela idade. Imaginávamos quantas horas passara em sua vida, ajoelhada dando banhos nos doentes. Seu andar encostando-se nas paredes dos corredores do hospital de modo a sentir-se segura e guiada. Impossível optarmos pelo caminho mais fácil e narrarmos apenas a história da instituição fundada e mantida por seus determinantes esforços. Esta a razão por nos estendermos um pouco mais que o planejado no início desta tese. Consideramos, enfim, que a história de vida de Aparecida Conceição Ferreira permeia e se confunde com cada um dos capítulos que por ora aqui apresentamos. Se o fogo selvagem é doença que doma a alma, como se expressava, foi preciso que o amor fizesse o papel de domador.

A título de consideração final, nós que testemunhamos o que vimos, isto é, o fato histórico aqui analisado, nos sentimos à vontade para lembrarmos que o remédio prescrito por Dona Aparecida, ao determinar que “*os pacientes melhorzinhos ajudassem a cuidar dos piorzinhos*”, provavelmente tenha sido essencial para que a cura se instalasse. Naquele gesto instintivo, aplicava a fundadora do hospital o cristianismo dos primeiros tempos, era essencialmente o “*amar ao próximo como a si mesmo*”, na versão espírita do expiar em si mesmo a dor causada ao próximo, ao mesmo tempo que se dedica a repará-la, permitindo deste modo que se cumpra a lei de causa e efeito ou de ação e reação.

Assim, Aparecida Conceição Ferreira levou sua vida, acreditando de corpo e alma estar evoluindo seu espírito, ao mesmo tempo que acolhia em seus braços pessoas desconhecidas, originárias das mais diversas regiões brasileiras. O que tinham em comum? Ela mesma responde: “– O Chico me disse que são espíritos que de algum modo participaram da inquisição, por isto têm esta doença, sentem o corpo queimando

como se estivessem vivos dentro de labaredas de fogo... mas logo passa... eu cuido deles direitinho e dentro de um tempo eles voltam pra casa melhores..., mais mansos, com a alma domada e o espírito mais fortalecido, gratos a Jesus por já estarem livres deste sofrimento ...”<sup>345</sup>

---

<sup>345</sup> FERREIRA, Aparecida Conceição. Depoimento gravado em 15 de fevereiro de 2008